

DUALIDADE

Por André Felipe da Paz

Gritos! Espanto-me com os gritos que ouvi, são 3:27 da manhã no meu relógio de cabeceira, tudo está em silêncio, e eu sei que moro sozinho, prendo-me mais forte às cobertas, esperando pelos próximos instantes, talvez alguém apareça, se revele, algo aconteça, nesses segundos sou apenas um espectador. Mais um pouco e nada, sento em minha cama e corajosamente calço meus chinelos para desvendar o que causou aquele barulho.

Abro a porta devagar esperando, mais uma vez, que algo se revele e quebre essa ansiedade que sinto percorrer o meu corpo. Talvez se eu perguntasse, a criatura responderia, tento então chamar “Oi... Meu nome é Simon”, em vão, recebo de volta apenas o eco fraco do corredor, tento mais uma vez “Tem alguém aí?”. Ouço, então, mais uma vez, o grito estridente, desesperado e furioso que me acordara. Mas... O som não é de um grito. Volto para a cama assustado, fico agachado próximo à janela, o grito parece vir de fora da casa. Bem devagar, começo a espiar pela janela para ver se vejo algo lá fora. Percebo então que está chovendo, uma tempestade horrível, com ventos agressivos, é como se a chuva fosse uma demonstração de ódio, medo, desespero, raiva, fúria e muitas outras coisas, nuances das mais variadas sensações.

Tranquilizo-me, afinal, não era tão ruim quanto eu esperava. Apesar disso, senti a obrigação de escrever sobre a inspiração que me dera neste instante. Sou compositor, desde pequeno ouvi minha mãe dizer que eu tinha o dom de falar duas línguas especiais, a da música, e a dos sentidos. Ela acreditava que eu vivia traduzindo ambas internamente, a música sempre esteve na minha família, não é à toa que meu próprio nome quer dizer “ouvinte”, talvez seja verdade, mas sempre acreditei que é, na realidade, algo além disso, os sentimentos, cheiros, gostos, representações, tudo parece tão vivo, tudo possui seu respectivo sentimento.

Explorei tanto esse dom que acabei por viver disso até hoje, com 25 anos, sou um compositor tão aclamado. O que ninguém sabe, é que toda minha inspiração surge do medo que possuo, minhas mais geniais inspirações foram desencadeadas por minhas noites mais pavorosas, quando minha única companhia, minha racionalidade, fugiu para longe de mim, deixando apenas a escuridão do meu eu, vazio.

As glórias de ser aquilo que sou são deveras satisfatórias, o ritual de todos se sentarem para ouvirem aquilo que escrevi sendo expresso em som é uma sensação gratificante e perceber que, naquele momento, todos sentem exatamente o que você sente. Acredito que nada pode vir do acaso, sou uma pessoa bem cética, o que me proporciona certa vantagem, já que a superstição é propícia a erros, já a dúvida, esta sim nunca estará errada, o que também não significa que ela estará certa, afinal, é a dúvida.

Certa vez me vi em uma cidade, não tinha certeza se estava alucinando, minhas pernas estavam bambas e eu não encontrava forças para firmá-las naqueles ladrilhos frios de uma vila deserta. A única luz que refugiava meu ser eram as provindas de postes de iluminação, enquanto a escuridão me dava calafrios. Eu podia ver figuras se mexendo dentro daqueles becos, se retorcendo e mudando de forma, não sei ao certo o que fazem, mas certamente não quero ir até lá, de repente vejo meus pés presos no chão, e sou levado lentamente até o escuro.

A cada centímetro percorrido, o arrepio aumenta em minha espinha, meus músculos contraem-se à limitrofe, não consigo me mover, tampouco dizer algo, mesmo que pudesse gritar, seria em vão, a cidade é impiedosa e não permite que pessoas como eu andem por ela à noite, aqueles que a desobedecem, pagam caro.

As sombras agora tomam meu corpo, sou envolvido na escuridão e sinto pequenas criaturas me tocando, o número de toques aumenta e se espalha por todo o corpo, até que um deles segura firme em meu ombro e me puxa com força, sinto então todos os outros me puxando e tentando rasgar minha pele. Paralisado, sou apenas

capaz de sentir o medo percorrendo meu corpo, a dor provocada por elas é ínfima quando comparada ao pavor psicológico da dúvida do porvir.

Após essa noite, escrevi uma música que provoca uma sensação arrepiante em seus ouvintes. A melodia é sentida dentro da cabeça de cada um, e os mesmos sentem que nada podem fazer sobre isso, como se a música houvesse dominado seus cérebros e agora, o que lhes resta é apostar na sorte de que seu controlador seja piedoso. O som é bonito, e a paixão gerada pelos meus fãs por ela definitivamente não é provinda das boas sensações que ela causa, mas sim da genialidade de versos compostos para gerar exatamente aquela sensação, como se a música fosse meus neurônios, e ela estivesse criando padrões binários que me provocam a sensação física do medo.

Mais uma noite se aproxima, estou há meses sem escrever nada, meus produtores estão agora desesperados, já desmarcaram várias apresentações e não paro de ser cobrado. Minha esperança é deitar e aguardar que a inspiração venha, no dia de hoje estou particularmente mais crente de que o sonho desta noite me renderá uma boa música. O ambiente está calmo, mais do que costuma estar, apesar de morar sozinho, os insetos costumam me fazer companhia acústica, provocando meus ouvidos com seus zumbidos irritantes, melodias que apenas querem expressar seu anseio por sobrevivência, esse som é tão vazio que se assemelha ao do silêncio, mas ainda assim, preferia que não estivessem lá. Porém, hoje em particular estou sentindo falta de sua companhia, a solidão nem sempre é melhor que uma má companhia. Apesar disso...

Adormeço.

Acordo em meio a um cenário caótico, pós-apocalíptico e rico em detalhes que ocorrem a cada momento, o cheiro de enxofre provindo de gases tóxicos me fazem tapar o nariz e procurar lugar para me abrigar. Perdido no meio de uma rua desconhecida ouço a voz de alguém, é doce, calma e segura o suficiente para que eu atenda ao chamado e vá encontrá-la. Seguindo-a, rumo a uma casa simples, possui tijolos amadoramente empilhados com cimento, seus restos ainda se encontram presentes mesmo depois de uma única mão de tinta vermelha ser passada. Sua porta está quebrada e corta o espaço ao meio, pelo qual passo facilmente agachando e encolhendo meus ombros, encantado com a voz que chama pelo meu nome.

De repente, o cheiro nocivo não é mais captado pelas minhas, recém falhas, narinas e o primeiro cômodo está totalmente escuro, sua escuridão sobrepõe-se à luz e, à medida que entro, já não consigo ver mais a porta. Sinto como se estivesse agora exatamente no meio da sala, continuo dando passos, mas a partir deste momento não pareço mais ir a lugar algum, permaneço estático no centro da sala, meus pés estão em um tapete que sinto transformar-se lentamente em areia movediça. A voz que me chamava, multiplicou-se e não é mais doce, gritam violentamente com tom sádico, ansiando pelos próximos segundos, sou puxado e consumido pela substância arenosa que me suga, agora cada vez mais quente.

Sinto minha pele queimar e os gritos aumentam, ouço aqueles que me perseguiram em outros sonhos se deliciando com o meu sofrimento, o som causado por eles denota ódio, vingança e agonia. Posso sentir mais nuances do que consigo traduzir, as vozes sobrepõem-se umas às outras e nenhuma me é clara o bastante.

Acordo.

Imóvel, quieto, sou incapaz de reagir ao que me ocorrera em sonho, reflito sobre todas as vozes que ouvi e as inúmeras possibilidades que eu tenho para escrever agora, luto para me concentrar em alguma das canções que me vieram em sonho, em vão, só consigo permanecer estático olhando para o teto.

Após horas tentando conceber meu projeto, decido o que fazer, ligo para todos os agentes que deixei de atender nos últimos dias e anuncio que farei uma apresentação estreando minha recente obra prima, a melhor e maior de todas já produzidas por mim. Peço um lugar grande, com quantidade recorde de plateia para uma performance solo.

Felizes em receber um retorno, marcaram em uníssono uma apresentação para o fim de semana posterior, uma sexta-feira às 8:00 da noite, realizando um marketing assustadoramente eficiente. Em pouco tempo, o anúncio já fora feito nas principais

localidades da cidade, o evento seria esperado por todos e os 345 950 lugares se esgotaram no terceiro dia após sua publicação, dois dias antes do espetáculo.

O local já estava cheio duas horas antes do evento começar, e minha ansiedade era tamanha que eu me encontrava preparado nos arredores do palco uma hora antes. Contrariando meus agentes, decidi iniciá-lo antes do horário marcado, rompendo com o costumeiro suspense realizado.

Início a melodia com tons calmos que prepararam as almas para receber meu cântico, os lentos toques que coordeno com minha batuta fazem a plateia acompanhar silenciosamente a música, nenhum som além do que a orquestra produz é possível de ser captado, como se uma esfera estivesse posicionada ao redor das paredes, impedindo que qualquer onda a ultrapasse.

Encaminho pacientemente o som para o tom mais pesado dos cânticos góticos antigos, denotando a intenção de provocar sentimentos perversos no interior da plateia, que, agora, segue os tons com obediência hipnótica. Percebo suas íris com órbitas fixas no epicentro de seus glóbulos oculares, não há nada para ver no momento, o espetáculo está restrito aos ouvidos. O som é recebido pelo canal auditivo calorosamente, como se os mesmos esperassem por toda a vida apenas para se encontrarem.

A melodia se torna lentamente mais pesada, e causa arrepios provenientes de más ações passadas não resolvidas, invocando fantasmas do passado. Trago à tona os mais pessoais e sombrios medos que permeiam a consciência de cada um que foi trazido pelo destino até meu domínio.

Agora sei, todo sofrimento recebido no fim de meu sonho viera única e exclusivamente de minha consciência, todas as criaturas que um dia me assombraram foram manifestações do meu eu, e agora, elas clamam por liberdade, sendo soltas nesta noite a todos os presentes, que encontram o caminho de si e das vozes da própria consciência, sem refúgios.

Seus monstros agora voltam para os perturbar, as fracas luzes que são emitidas permitem a visualização de sombras que voam livremente no céu, repentinamente começam a gritar e cada sombra se aproxima de uma única pessoa. Apesar da imobilidade, suas expressões gritam e todos soltam sons particularmente sofríveis. As sombras agora se juntam e gritam em uníssono, emitindo um som que traduzo como: “Eu sou a voz que vem do travesseiro, o senhor das mentiras, o enganei durante toda a sua vida, fi-lo acreditar nas mais absurdas idiotices, o escondi atrás de uma máscara, mas sua repulsiva existência agora volta para cobrar caro, aqui e agora. Eu sou você”.

Pessoas queimam, há cheiro de carne no ar, seus olhos brilham, vislumbrando a luz que é o contato com sua própria consciência. Um mar de sangue, há coágulos de sangue derramados no chão frio daquela noite cinzenta. Nenhum inseto fala mais, os pássaros não cantam, apartam-se do complexo sentido de existência que a humanidade se autoatribuiu apenas para se assombrar com seus erros, suas desculpas de progresso já não fazem mais sentido. Seus erros genocidas são levados à tona pela sua consciência, sem enganação, sem máscaras e sem mentiras. Não há fuga. Todas as criaturas de nosso ser vêm até nós, demônios, espíritos, fadas negras, todas as criaturas inconscientemente criadas pelo intelecto de autores geniais, refletindo subliminarmente o interior sujo de sua espécie. Tais criaturas agora arrebatam-nos de nossa existência e cobram os erros de uma espécie maléfica. Só é possível ver a luz. Meu coração queima.

Os detalhes sórdidos daquela noite serão desacreditados por todos os peritos empenhados em decifrar o que ocorrera, todas aquelas mortes conjuntas pareciam ter surgido de um conto de terror, nada fazia sentido e tudo era incerto. Um repentino suicídio coletivo acompanhado de um único bilhete do maestro que dizia “Mortos pelas próprias consciências”.